

# Fragments de um discurso do que resta a fazer<sup>1</sup>



ANNA AZEVEDO

**N**ão, nada de pessimismo. Mas o quadro não ajuda muito: vésperas de eleição sem alternativa qualitativa ao atual governo de desencantos. Tímidas possibilidades de limpeza ética do Congresso. Sem contar com o fato de termos sido barrados das finais da Copa do Mundo por incompetência atlética – logo nós, “os melhores do mundo”. Perguntar o que resta a fazer parece tripúdio sobre a necessidade do brasileiro de ter, sempre, que zerar as contas e começar de novo. Com a velha esperança do “agora, vai!”.

Observo, leio nas entrelinhas, desconfio de histórias aparentemente banais. Quase sempre, camuflam fragmentos de sonhos. E o Brasil transborda em sonhos escandalosamente frustrados por uma seqüência infíndia de malversação da atividade política.

Na dinâmica do fazer documental, cruzo com retalhos de discursos sobre um Brasil que rouba de gerações contíguas o direito de dar o passo seguinte ao sonhar. Ou seja: o realizar. E o incômodo bate forte quando captamos o tom de desânimo e descrédito marcando uma geração que prefere hibernar a ter que viver sob o pesadelo dos desejos não correspondidos. Estão, perigosamente, jogando a toalha cedo demais.

Mas até mesmo os discursos desiludidos são carnavalizados<sup>2</sup> nesta nação. Esse atavismo talvez seja a nossa sorte. Teimamos em um dia ser, de fato, a

- 
1. Citação ao título do livro *Fragments de um discurso amoroso*, de Roland Barthes. Todos os entretítulos seguem como citação dos capítulos desta obra.
  2. Citação da Teoria da Carnavalização da Literatura, desenvolvida por Mikhail Bakhtin.

terra afortunada vislumbrada na nossa certidão de nascimento, a *Carta de Caminha*: “(...) E de tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo”.<sup>3</sup>

Parece que naquela sexta-feira, 1º de maio de 1500, em Porto Seguro, o escriba Pero Vaz teve, ainda, uma clarividência aplicável à Ilha de Vera Cruz do século 21: “Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente”.<sup>4</sup>

Talvez esta seja a primeira das providências incluídas no rol do que resta a fazer, respondendo a provocação inicial desta publicação. Sem o messianismo presente na pena do “documentarista” da frota de Cabral, é preciso salvar, sim, o brasileiro da descrença de que o país não tem mais jeito. E, para isso, faz-se mister desinsetizar a *Terra Brasilis* de duas pragas que corroem as instituições e dilaceram os sonhos de justiça social: a ignorância e a corrupção. Durante séculos, estas se reproduziram estrategicamente, em retroalimentação. Basta!

Algumas narrativas serão mais eficientes para falar do futuro do que minhas vãs conjecturas. Trago, então, alguns discursos de brasileiros, cenas que clamam por “salvação” ou aderem ao salve-se quem puder / faça você mesmo. Porque não há mais tempo a perder. Pois se a educação, base das sociedades que reivindicam o posto de justas e desenvolvidas, é, no caso brasileiro, uma debilitada camada vítreia, o que resta a fazer para cimentar o porvir é praticamente tudo.

## I. DA ESPERANÇA

/

Numa ladeira da Vila da Penha, bairro pobre do Rio de Janeiro, uma casa chama atenção por abrigar livros, muitos livros na garagem. São 50 mil volumes que avançam pela casa adentro, tomado de assalto sala, quartos, cozinha; esparramam-se pelas camas e sofás; escondem portas, armários, estantes. Eis a Biblioteca Popular Tobias Barreto. Basta entrar e levar um ou mais livros pra casa, sem burocracia de empréstimo, nem data para entrega; sem ficha de catalogação nem prateleiras temáticas. Uma perfeita desordem livresca, como

3. Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal. Brasil, 1500.

4. Idem.

define o guardião destas preciosidades de papel, o pedreiro aposentado Evando dos Santos, 46, um bibliófilo que até bem pouco tempo achava que clássico era a marca do cigarro que fumava no canteiro de obras do conjunto habitacional Vila do João, no Complexo de Favelas da Maré (RJ). Lá, no intervalo do almoço, um dos peões saboreava livros clássicos e oferecia aos colegas fatias de Machado de Assis, Dostoevski, Kant... Desta forma, Evando descobriu o poder transformador da cultura. “Ela iguala as pessoas. Sobre literatura, eu, um simples pedreiro, falo de igual para igual com um engenheiro”.

O aposentado e seus delírios quixotescos provocam uma revolução cultural silenciosa na Vila da Penha. “Quero resgatar a cidadania perdida da zona norte”. Convenceu Oscar Niemeyer a desenhar o projeto da sede da biblioteca para onde os 50 mil livros sufocados em sua casa serão removidos. Será a primeira obra do arquiteto em uma região pobre do Rio de Janeiro. Ficará pronta no fim de 2006.

//

Freqüentadores assíduos da casa-biblioteca são os alunos da Escola Municipal Grécia. Entre os estudantes está Suze Ariane, 14. Sempre com delincedor realçando os olhos brilhantes, Suze é uma típica adolescente de classe média baixa brasileira. Com um porém que a diferencia dos de sua geração e condição social: o hábito da leitura. Já devorou obras de formação como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Com o Quixote diz que brotou a certeza de que os sonhos devem ser perseguidos custe o que custar. Revezes há sempre pelo caminho.

///

Evando e Suze são exceções que se destacam da imensa massa proletária brasileira, um exército com nível de instrução perigosamente baixo para um país que precisa dar o pulo do gato e alcançar a justiça social.

Ao mesmo tempo, são exemplos de gerações distintas com potencialidades perdidas ou em risco: o pedreiro, que gostaria de ter estudado para ser professor, só se alfabetizou quando adulto e o contato com a literatura aconteceu ainda mais tarde, graças a um golpe de sorte do destino que o colocou no mesmo canteiro de obras do operário que lhe deu a dica: clássico não é só marca de cigarro, não, seu Evando! E, aos 14 anos, Suze precisa encontrar ao longo de seu caminho escolas públicas e mestres com capacidade para lapidar

e nutrir a sua sede de saber. Caso contrário, não germinará. O que, infelizmente, se depender da qualidade do ensino público fundamental do Brasil, corre o risco de acontecer. Parafraseando o escriba da frota que chegou ao Brasil, em 1500, é preciso salvar esta geração.

## 2. DA DECEPÇÃO

Cena 1: Frankfurt, Alemanha, 1º. de julho de 2006. A seleção brasileira de futebol entra em campo para enfrentar a França nas quartas-de-final da Copa do Mundo. Os *azuis* abatem os *canarinhos* e seguem em frente. O Brasil encerra, vergonhosamente, a sua participação na Copa da Alemanha. Corta.

Cena 2: Horas depois, bar no Leblon (RJ). Numa mesa, profissionais liberais bebem para esquecer a derrota, discutem o amor, o futebol e a política. Até que uma moça do grupo, triplamente decepcionada – com o amor (recém separada), com a seleção brasileira (que fizera feio) e com a iminência da reeleição do presidente Lula, declara: “Parei tudo. Agora só em 2010”.

O inverno do desencanto será longo...

Assim como os ursos, uma parcela mais que aceitável da população parece hibernar, orgulhosamente, no intervalo das eleições, repetindo fenômeno que acomete o futebol com sua torcida quadrienal. Afinal, pra que vigiar se não há punição?<sup>5</sup>

Teremos quatro próximos anos delicados, do ponto de vista político. O verão da esperança durou pouco. A lua-de-mel do brasileiro com a política foi curta, poucos são os políticos que encerraram seus mandatos sem manchas. Como no futebol, cujas núpcias com a torcida findaram duas estações antes de Berlim.

Chegaremos, pois, em 2007, no mínimo com as barbas de molho. Nos últimos anos, a sucessão de escândalos sem punição mordendo nossos calcanhares foram tantos, e vindas de todas as direções – incluindo das quatro linhas – que, em algum momento, acabamos tendo vontade de esticar o antebraço e implorar ao médico um sonífero na veia.

Vigiar, no caso brasileiro, não é seguido do punir. Então, pra que vigiar? Preferem, alguns, hibernar como os ursos, consumindo cotas mínimas de energia, apenas o suficiente para garantir sobrevida. É exatamente isso, e por tudo isto, que a moça da mesa do bar triplamente desiludida declarou estar descendo do trem, prometendo a si mesma que só voltará ao vagão em 2010.

---

5. Citação ao título do livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault.

Atitude civil irresponsável? Talvez sim. Compreendo que o picadeiro político brasileiro cansa! Mas é preciso estar atento até o fim porque, na História da Humanidade, todo cochilo do povo resultou em ações desastradas de governantes. Basta lembrar a Segunda Guerra. E o inverno dos eleitores que hibernam é o verão de caça dos que saqueiam o Brasil.

E depois do banho de água fria que foi o ano de 2005, a temporada 2007 promete ser boa para os piratas da política. Encontrarão um terreno estéril de lutas e guerreiros exaustos. Todo cuidado é pouco!

Argumenta-se que os 20 anos de regime militar, de povo banido das decisões político-administrativas do país, funcionaram como eletrochoque, deixando-nos lentos, desprovidos de reação imediata proporcional à gravidade da ação. Mas outros 20 anos já se passaram desde a redemocratização do Brasil. É certo que a reconstrução é sempre muito mais lenta que a destruição. Matematicamente, qual será a proporção, então? Será que teremos que aguardar por mais uma geração?